

SOCIEDADE SEGURANÇA

Escola Segura Relatório anual da PSP revela uma subida da violência entre alunos. Mas foram apanhadas menos armas

Aumentam agressões, ameaças e droga nas escolas

Texto HUGO FRANCO
e ISABEL LEIRIA

Foto ANTÓNIO PEDRO FERREIRA

Os carros da polícia param à porta da Secundária Vergílio Ferreira, em Lisboa, poucos minutos antes do intervalo. À saída, alguns alunos fazem questão de estender a mão e perguntar como estão o “agente Silva” e o “agente Marques”. Os dois fazem dupla entre as equipas do Programa Escola Segura (PES) que patrulham as imediações das escolas e intervêm dentro dos estabelecimentos de ensino sempre que são chamados pelas direções para resolver uma situação de violência grave, roubo ou posse de droga, por exemplo.

Em geral, as ocorrências mais comuns são as agressões entre alunos, dentro da escola, descreve o agente Vítor Jesus, que desde 2008 trabalha com o programa, que já conta com 30 anos de existência. É essa experiência que o leva a dizer que sem o PES as “escolas estariam muito piores” em termos de segurança.

Os números confirmam uma diminuição significativa das ocorrências face ao que acontecia há 10 anos. Mas os dados mais recentes, relativos a 2022/2023 e a que o Expresso teve acesso, mostram um aumento dos crimes de ofensas corporais e de ameaças face ao ano anterior e mesmo comparando com o período imediatamente anterior à pandemia. O relatório anual do PES mostra ainda que o total das ocorrências criminais — que incluem também furtos, ofensas sexuais, vandalismo ou tráfico de droga — subiu 10% entre o ano letivo de 2021/2022 e o de 2022/2023.

Outro indicador que preocupa as autoridades, embora não seja considerado um crime, é o do crescimento das perturbações escolares, em que os professores se veem obrigados a chamar os agentes da PSP por não conseguirem resolver um determinado conflito dentro da sala de aula. Registaram-se 417 casos no último ano letivo, um número superior a qualquer um dos últimos cinco anos (antes de durante a pandemia).

Violência preocupa PSP

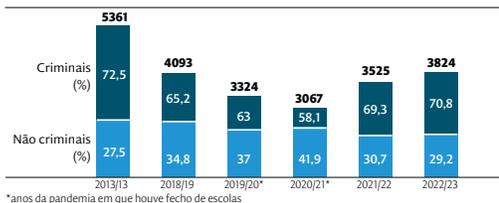
A subida do total das ocorrências criminais em relação ao ano letivo anterior (de 2444 para 2708 casos) é, para Hugo Guinote, coordenador nacional do Policiamento de Proximidade da PSP, uma “evolução esperada”, já que no início do ano escolar de 2021/2022 as atividades letivas tiveram restrições por causa da covid-19. No ano letivo seguinte, com tudo a funcionar normalmente nas escolas, as ameaças e ofensas aumentaram.

O dado que mais preocupa a PSP é o do aumento do número de ofensas corporais (onde se incluem as agressões físicas), que supera o do ano letivo de 2018/2019, o último a não ser afetado pela pandemia. “Já esperávamos uma subida das injúrias e ameaças, porque estava em linha com o que acontecera nos 10 anos anteriores. Mas não deste aumento de denúncias por ofensas corporais, que não estavam a crescer nesse período.” Isto significava que, por norma, as queixas eram feitas às autoridades numa fase precoce, antes



A 3ª divisão do Programa Escola Segura tem a seu cargo 128 escolas em Lisboa e mais de 60 mil alunos, que já tratam os agentes Marques e Silva pelo nome

OCORRÊNCIAS EM MEIO ESCOLAR



EVOLUÇÃO POR TIPO DE CRIME MAIS FREQUENTE

	2018/19	2021/22	2022/23
Ofensas corporais	1151	1172	1237
Injúrias e ameaças	721	753	825
Furto e roubo	605	367	450
Vandalismo e dano	181	101	137
Ofensas sexuais	86	88	87
Posse e uso de arma	42	77	34

EVOLUÇÃO DE OCORRÊNCIAS NÃO CRIMINAIS

	2018/19	2021/22	2022/23
Perturbação escolar*	389	372	417
Posse/consumo de estupefacientes	172	68	88

*situação de confidencialidade envolvendo alunos e/ou professores/funcionários que não conseguem ser resolvidos pelas escolas

FONTE: PSP — PROGRAMA ESCOLA SEGURA 2022/2023

de haver prática efetiva de violência. Agora este caso já não acontece. “O que se passou nesse ano letivo contraria a nossa experiência no passado recente, mas iremos estar atentos.” Em reação, a PSP aumentou as ações de sensibilização junto das escolas.

A maioria dos casos de violência registados pelo PES deu-se nas regiões de Lisboa e do Porto e os problemas maiores não se confinam aos arredores das duas grandes cidades. “A

criminalidade mais grave nas escolas não acontece apenas nos subúrbios.”

Hugo Guinote sublinha também o facto de haver mais estudantes apanhados com droga pelas autoridades. “A subida dos casos é resultado de um aumento da fiscalização da nossa parte. Aprecemo-nos de que entre os alunos havia uma interpretação de que o consumo e a posse de droga não eram ilegais. Só que o facto de não ser crime não quer dizer que seja legal.”

Mas há uma boa notícia neste relatório do PES: a posse e uso de armas nas escolas desceu abruptamente e é o mais baixo dos últimos anos. “Felizmente, as armas não são um problema nas nossas escolas.”

Telemóveis fora das estatísticas

Os casos de perturbação causada nas escolas pelo uso de telemóveis estão a subir, de acordo com várias fontes policiais contactadas, mas ainda não se encontram tipificados nas estatísticas, pelo que não é possível a sua contabilização. O Expresso sabe, no entanto, que poderão vir a ser registados nestes relatórios policiais da Escola Segura já no próximo ano letivo, caso haja acordo entre os Ministérios da Administração Interna e da Educação. Mas nos estabelecimentos de ensino a realidade não passa despercebida: “Os telemóveis estão muito na origem dos conflitos. O que publicam nas redes sociais, o que veem; às vezes usam-nos para marcar encontros e conflitos”, descreve o agente Jesus Vítor, que preferia que, pelo menos até “certa idade”, não fosse permitido o uso destes equipamentos nos recreios.

Também os casos de *bullying* e *ciberbullying*, que não são considerados um crime pelo Código Penal, estão diluídos nos números das ameaças e das ofensas corporais, consoante a sua gravidade. “Acreditamos que o bul-

lying e *ciberbullying* são as infrações que mais ocorrem nas nossas escolas, e este último está em grande crescimento”, destaca Miguel Rodrigues, investigador do ICPOP-ISCPSI e autor do livro “Violência nas Escolas — Caracterização, Análise e Intervenção”. Não é por isso de estranhar que este tipo de violência seja um dos temas mais presentes nas ações de sensibilização feitas nas escolas pelos agentes do PES. Ou a violência no namoro, porque muitos jovens “desvalorizam e não veem como impróprios comportamentos que não são admissíveis”, conta ainda Jesus Vítor.

Ao seu lado, os agentes Miguel Marques e Ricardo Silva reforçam a importância das conversas que vão tendo com os alunos e que, muitas vezes, funcionam como dissuasoras de comportamentos incorretos. “Eles confiam em nós, veem-nos como alguém que os pode ajudar. E isso é muito gratificante”, contam.

Já o investigador Miguel Rodrigues chama a atenção para o desinvestimento de que tem sido alvo o PES nos últimos anos. O número de efetivos da PSP e da GNR desceu dos 714 para os 650 nos últimos seis anos e os carros-patrulha passaram de 452 para 284 de 2010 até 2022. “Eram os Governos Cívicos que cediam as viaturas às polícias. Com a sua extinção, as autoridades passaram a ter direite e menos carros.”

Confrontado com este cenário, Hugo Guinote responde com outra comparação: houve um aumento de 4% nos recursos humanos face ao ano letivo anterior. Quanto às viaturas, o número tem sido “estável” nos últimos cinco anos. “Os recursos são finitos. O que a PSP faz no PES, como qualquer organização, é adaptar os seus objetivos aos meios de que dispõe, equilibrando os princípios da prioridade, adequabilidade e exequibilidade.”

hfranco@expresso.imprensa.pt

OS PROBLEMAS MAIORES NÃO SE CONFINAM ÀS ESCOLAS DOS SUBÚRBIOS DE LISBOA E DO PORTO